



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education.

Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.44-54>

Noções mafessolianas e a sexualidade¹

Andréa Cristina Martelli. Professora associada do curso de Pedagogia do campus de Cascavel, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Líder do Grupo de estudos sobre educação e sexualidade – GEPEX, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em educação e diversidade – GPED/Unespar e do Imaginar – Grupo de pesquisas sobre imaginário, educação e formação de professores e do Violar/Unicamp. E-mail: andreamartelli72@hotmail.com

Resumo: O presente artigo problematizou a sexualidade fundamentada em algumas noções de Michel Mafessoli, tais como, a errância, o desvio, a duplicidade, o nomadismo, o movimento entre as lógicas do “dever-ser” e do “querer-viver”. Consideramos a sexualidade como elemento constituinte da vida, independente de faixa etária, classe social, etnia ou crença religiosa, ou seja, como um fenômeno cotidiano que se expressa com particularidades no decorrer das nossas vidas nos diferentes espaços sociais. Nosso caminho de pesquisa foi o entrelaçamento das experiências vivenciadas nas docências de atividades extensionistas e de pesquisa sobre a temática em voga, com a revisão bibliográfica de algumas obras do teórico citado. O movimento entre as lógicas do “dever-ser” e do “querer-viver” evidencia que, apesar das imposições sociais da igreja e da família, criamos formas de vivenciar a sexualidade que escapam do instituído.

Palavras-chave: Imaginário, sexualidade, educação, gênero.

Mafessolian notions and sexuality

Abstract: This paper problematizes sexuality based on some of the notions written by Michel Mafessoli, such as wandering, deviation, duplicity, nomadism, the movement between the logics of “should-be” and “want-to-live”. We consider sexuality as a constituent element of life, regardless of age group, social class, ethnicity or religious beliefs, in other words, as an ordinary phenomenon that expresses itself with particularities throughout our lives in different social spaces. Our research path was the intertwining of experiences lived in the teaching of extension activities and research on the current topic, with the bibliographical review of some works produced by the mentioned scholar. The movement between the logics of “should-be” and “want-to-live” shows that, despite the social impositions of church and family, we create ways of experiencing sexuality that escape what is instituted.

Keywords: Imaginary, sexuality, education, gender.

Submissão: 2021-07-02. **Aprovação:** 2021-08-02. **Publicação:** 2021-08-31

¹ Inspirado nos estudos de algumas obras de Mafessoli realizados no processo de doutoramento em educação.

Introdução

Nosso texto pretende compreender a sexualidade fundamentado em algumas noções² de Michel Maffesoli³, essencialmente, no movimento entre as lógicas do “dever-ser” e do “querer-viver”. Consideramos a sexualidade como um elemento constituinte da vida, ou seja, como um fenômeno que se expressa com particularidades e singularidades no decorrer das nossas vidas nas diferentes faixas etárias e locais sociais. Diante disso, optamos como caminho de pesquisa, o entrecruzamento das experiências vivenciadas nas docências de atividades extensionistas e de pesquisa sobre sexualidade, com a revisão bibliográfica da área.

Nesse cenário, procuraremos compreender a sexualidade fundamentada na noção de imaginário⁴ como

[...] a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade. As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

² “Em geral, sempre tive certa desconfiança em relação a conceitos que me pareçam muito fechados. Aliás, em latim, a etimologia da palavra *conceito* vem de *concepire*, que quer dizer *fechado*. Existe, então, no significado mesmo do termo *conceito* algo que é fechado. Segundo a minha hipótese, nós estamos vivendo um momento de mudança de paradigma. Mudança que se chama uma *mudança societal*. Parece-me, então, difícil conservar uma concepção, uma perspectiva sistemática baseada justamente nesses conceitos. É por isso que propus utilizar o que chamo de noções, de metáforas. São imagens, na verdade, que possuem um lado mais flexível, mais dinâmico e que me parecem, assim, mais conectadas com uma realidade social que é, ela mesma, flexível, dinâmica, fugitiva” (ICLE, MAFFESOLI, 2011, p. 521).

³ [...] Maffesoli, sociólogo da Sorbonne (na cadeira que pertencera a Durkheim) e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano, o CEAQ (Centre d’Etude sur l’Actuel et le Quotidien). Alguns números: já orientou cerca de 140 teses, publicou em torno de 350 artigos científicos e, só no Brasil, mais de 20 livros. Para Maffesoli, o único absoluto é que tudo é relativo e uma sociedade é, na verdade, várias. Maffesoli tem três ideias fixas: nomadismo, tribalismo e hedonismo. (BARROS, 2014).

⁴ Nesse imaginário, “a polissemia das situações e a polissemia das palavras entram num balé sem fim, remetem incessantemente uma a outra e inserem-se, enfim, num vasto espectro cênico, o qual pode ser resumido na expressão imaginário social” (MAFFESOLI, 2005d, p. 58). “O imaginário social tende a privilegiar uma relação mais serena com o mundo em suas diferentes manifestações” (MAFFESOLI, 2007, p. 55). Fundamentada em Michel Maffesoli, Guimarães (2004, p. 61) argumenta que “a temática do imaginário mostra que o que chamamos realidade tem um componente irreal. A realidade emergiu daquilo que chamamos de irreal, dos pequenos sonhos de cada um, dos pequenos desejos que, por sedimentação sucessiva, vão culminar naquilo que se deseja. Essa dimensão fantástica da vida cotidiana é fruto de uma duplicidade que se instala entre dois pólos: de um lado, a organização política e econômica do social, de outro, um processo feito de acasos, de passividade, das paixões, dos encontros, das coerções e das pequenas mortes de todos os dias. Todos os elementos da vida social são formados em conjunto, integrando o imaginário, o simbólico, o lúdico e a paixão, os quais garantem a sobrevivência dos indivíduos, apesar das imposições dos poderes constituídos. [...] A temática do imaginário é a evidência de toda essa carga simbólica evidente nas sociedades complexas. A nossa cultura é a da complexidade, que não se explica a partir de um só elemento, mas por uma pluralidade deles que são integrados pela via simbólica. O imaginário não é o irracionalismo, mas uma maneira hiper-racional de pensar a sociedade complexa”.

O imaginário não é a negação do real, mas a criação de novas relações, de um modo de conhecimento que saiba integrar todos os aspectos considerados rotineiramente como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência. Em outras palavras, afirmamos que a sexualidade não é vivida somente pelo viés da razão e, sim, por um labirinto de crenças, mitos, inverdades, preconceitos, entre tantas, outras potências humanas expressas em nossos comportamentos e discursos.

Sexualidade e as noções maffesolianas

Pensar em sexualidade é, sobretudo, compreender as diferentes forças potencializadoras do comportamento humano. Dentre essas, optamos em problematizar a religião, haja vista que exerce extrema influência em nossas vidas. Nossa proposição respalda-se na pesquisa de doutorado realizada em 2009, a qual expressou a força da religião no imaginário de sexualidade das professoras que participaram com nossas colaboradoras na pesquisa.

A religião padroniza costumes e hábitos sociais⁵, incorporados a partir de convenções sociais e de um código de comportamento previamente estabelecido, institui a homogeneidade no comportamento da sociedade, impondo o moralismo, a lógica do dever-ser (MAFFESOLI, 2005d, p. 11).

A obediência às regras na vivência da sexualidade é alcançada pela família e pela religião na internalização da noção de pecado no imaginário social. De outra forma, a desobediência aos preceitos da religião conduziria ao castigo e ao fogo do inferno. A prescrição da conduta apropriada ao católico e à católica encontra-se na leitura da Bíblia e nas palavras proferidas pelos padres do “alto de sua autoridade” como representantes terrenos das leis divinas.

Diante disso, inquietava-nos a gênese da fé perante algo ou alguém sobrenatural, que não conhecemos, que não enxergamos, que não escutamos, de que não comprovamos a existência e que é motivo de controvérsias. Ao mesmo tempo, exerce um poder de controle no comportamento humano há séculos.

Nesse sentido, defendemos que a tessitura da vida humana não se limita a fatos observáveis e racionais; os sonhos, o lúdico, a imagem, o simbólico, a imaginação, as

⁵ Trata-se aqui do conceito maffesoliano de hábito: “coisas estranhas ou novidades que se tornam progressivamente costumeiras” (MAFFESOLI, 2001a, p. 101).

fantasias e o onírico também pertencem a nossa vida. Construimos uma hiper-racionalidade (MAFFESOLI, 2005c, p. 11), não há como denegar nada daquilo que nos cerca neste mundo no qual estamos e que é, “ao mesmo tempo, sentimento e razão” (MAFFESOLI, 2005b, p. 59).

Assim, consideramos que as religiões deixarão de existir se a humanidade perder seu poder de criar, de imaginar, de simbolizar. Como isso não é possível, não desaparecerão, e nos influenciam, porque somos seres dotados não apenas de razão... “Fantasiar, imaginar e sonhar são atitudes enraizadas na existência humana” (RECHIA, 2005, p. 30).

Convivemos, no decorrer de nossas vidas com pessoas de diferentes idades, experiências religiosas e trajetórias diversificadas. Experimentamos relações heterogêneas, contraditórias e, muitas vezes, padronizadas pelos papéis sociais atribuídos ao ser homem ou mulher. Papéis sociais esses “produzidos numa determinada cultura, atravessado pela história, pela mentalidade de um tempo e de um lugar, e tantos quantos forem os elementos disponíveis nessa construção” (MERENGUÉ, 2009, p. 12).

Como homem ou mulher desempenhamos diferentes papéis sexuais, nossa sexualidade é atravessada, na maioria das vezes, pelo padrão binário, masculino e feminino, de comportamento marcado numa sociedade patriarcal, sexista e machista como a nossa. No entanto, podemos deslizar a nossa sexualidade na lógica do querer-viver e transgredir as imposições sociais que nos aprisionam em modelos que negam nossas identificações. Para Maffesoli (BARROS, 2008, p. 182) se antes podíamos ter um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, isso já não acontece mais. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro, incerto.

Nossa vida embaralha-se entre o “dever-ser” — “o *lado iluminado* que explica a existência dos homens a partir de um conjunto de leis econômicas, políticas, educacionais” (GUIMARÃES, 1996, p. 74; grifo da autora) — e o “querer-viver” — “*lado sombra*, [que] acentua a importância das múltiplas e minúsculas situações do cotidiano em que predomina a fragmentação e pluralidade do corpo social” (GUIMARÃES, 1996, p. 74; grifo da autora). Apesar das amarras sociais impostas cotidianamente as nossas vidas, em algum momento expressamos por meio de liberdades intersticiais o nosso “querer-viver”, o qual não se permite ser censurado por toda vida (MAFFESOLI, 2005a, p. 41).

O movimento entre o “querer-viver” e o “dever-ser” possibilita manifestar nossas diferentes *personas* sem sentimento de culpa. No entanto, é necessário sublinhar que o

“querer-viver” revela-se em ações que buscam a afirmação de nossas identificações⁶ e não prejudicam a convivência com o outro e a outra, nem a sociedade. O “dever-ser” está atrelado à vivência dos papéis impostos socialmente, na igreja, na família, no casamento, na maternidade, no magistério e nos demais espaços sociais. Vivemos nossas sexualidades deslizando entre as lógicas do “querer-viver” e do “dever-ser”, ora seguimos os padrões sociais, ora escapamos e construímos nossas linhas de fugas, nossos espaços de desvios.

A multiplicidade de resistências cotidianas é inerente ao exercício do poder. As “submissões aparentes são de fato resistências reais” (MAFFESOLI, 1987, p. 27); não ocorrem somente com grandes rupturas ou revoluções, mas no cotidiano, nas pequenas brechas, nas pequenas ações, no movimento incessante entre submissão e criação, nos “minúsculos ‘desvios’ da vida cotidiana como prova de[suas] vitalidades” (MAFFESOLI, 1987, p. 125).

A lógica do “dever-ser”, desempenha forte carga simbólica na vida da mulher. Ela precisa ser mãe resignada que renuncia a seus planos profissionais, sonhos e desejos pessoais em prol do bem-estar da família; professora competente e dedicada, considerada como exemplo de boa conduta moral; uma doce mulher que se curva diante do marido e satisfaz as obrigações matrimoniais. Mas, além disso, existem mulheres que já desviaram desse “dever-ser” e afirmam cada vez mais seu “querer-viver”.

Se de um lado desejamos agradar o outro, somos tratadas como posse em determinadas ocasiões, receamos em certos momentos romper relações e, em alguns casos, consideramos o casamento como segurança e proteção, por outro lado, nas resistências diárias, sutis, veladas, aprendemos, aos poucos, a viver o ato sexual como libertação e a sexualidade como a busca do prazer. Vivemos nossos dias em meio ao movimento de mudanças e permanências, com resistências anódinas e polimorfas e, mediante atitudes corrosivas, causamos um curto-circuito nos modelos cristalizados de ser mulher.

A relação entre as intimações objetivas, os limites que as sociedades nos impõem e as subjetividades (MAFFESOLI, 2001b, p. 80) desenham o mosaico da vivência da nossa sexualidade. Por mais que sejamos tolhidos, somos sexuados. A sexualidade está ali, latente, latejando, pulsando. Consideramos que nossa luta cotidiana consista em viver a sexualidade de uma forma mais tranquila, numa aventura sem começo nem fim e, fundamentalmente, “escapando” da culpa cristã. Cada pessoa reage de uma forma; umas

⁶ De uma identidade única (especificidade ideológica) passamos a ter múltiplas identificações (patchwork *imaginal*, e “*imaginal*” por ter relação com o imaginário, uma espécie de “inconsciente coletivo”, nos termos junguianos). (BARROS, 2014, p. 2).

conseguem se libertar das injunções familiares e religiosas, mas outras sucumbem a estas... Outras se livram bem, algumas mais ou menos e, outras, ainda, abafam tanto que adoecem...

Por muitas vezes, trancamos nossos desejos e nossas fantasias, esquecendo que não somos mulher “ou” outra persona; somos professora “e” mulher “e” mãe “e” amiga “e” amante “e”... Vivemos nossas identificações sucessivas (MAFFESOLI, 2005c, p. 309). Somos muitas pessoas ao mesmo tempo, não nos resumimos a uma simples identidade, mas desempenhamos papéis diversos através de identificações múltiplas. (MAFFESOLI, 2001a, p. 78). “Uma pessoa que, conforme a raiz etimológica da palavra, veste máscaras ou apresenta diversas facetas que, apesar de distintas, são incorporadas por uma mesma individualidade” (BARROS, 2008, p. 182).

Somos professoras, somos mães, somos donas de casa, somos amantes, somos solitárias, somos filhas, somos irmãs, vivemos várias vidas; em todas, deslizamos em meio às várias *personas*. O fato é que não nos resumimos a uma simples identidade: desempenhamos papéis diversos por meio de identificações múltiplas (MAFFESOLI, 2001a, p. 78). O contorno de nossa vida não é rígido, oscilamos entre a necessidade de segurança afetiva, de equilíbrio biológico, de planos vindouros e dos pequenos desvios cotidianos, das fugas, na exploração do estranho, nas errâncias (MAFFESOLI, 2001a, p. 80).

Somos plurais. Às vezes, mostramos às pessoas algo bem diferente daquilo que realmente somos (MAFFESOLI, 2005c, p. 313), vivemos nossas *personas* numa teatralidade social. Temos “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 1997, p. 24). Vivemos a saudade do lar, pelo que tem de seguro, de coercitivo e de sufocante, e a sedução pela aventura, pelo desejo do outro lugar e do lugar nenhum, pela vida que se abre com suas angústias e incertezas (MAFFESOLI, 2001a, p. 147).

Quantas vezes nos flagramos sendo obedientes às regras de comportamento impostas pela família e religião e, em outras vezes, transgredimos de modo astuto essas mesmas regras? Somos pessoas errantes, vivendo nossa pluralidade e a duplicidade de nossas existências (MAFFESOLI, 2001a, p. 16). É pela duplicidade, mais ou menos consciente, que as pessoas aparentemente enquadradas aos padrões sociais conseguem sobreviver às diferentes imposições destes (MAFFESOLI, 2001c, p. 97).

Nosso comportamento sexual não é definido *a priori*; no percurso de nossas vidas ressignificamos inúmeras vezes nossas experiências sexuais (BOZON, 2004, p. 98).

Quiçá esse seja nosso maior temor: temos identificações múltiplas e, por vezes, contraditórias. Identificações plurais que podem conviver ao mesmo tempo ou sucessivamente. Nossa vida é errante (MAFFESOLI, 2001a, p. 118), embora nem sempre admitamos ou percebamos isso.

O livro da vida das pessoas é escrito com diferentes tintas; com as cores do fechamento, do controle, do estável, das certezas, das seguranças mesclando-se com as da duplicidade.

Às vezes, pintamos nossos dias com as cores do enquadramento social. Vivemos nossas sexualidades numa aparência de que aceitamos os papéis impostos pela sociedade e resistimos em sair da mesmice cotidiana que sufoca nosso “querer-viver”. Agimos escondendo de nós mesmos nossos desejos, nossas vontades, nossas necessidades, nosso “lado de sombra”. Por vezes, os modelos estão tão arraigados em nossas entranhas que nos permitimos viver somente o oficializado, o aceito e o considerado “normal”. Passamos nossas vidas encenando os papéis do que a sociedade considera ser boa moça e bom rapaz; seguimos os rituais religiosos apreendidos na infância no seio familiar; sonhamos com o casamento perfeito e, se porventura, ele não nos trazer satisfação, resistimos em realizar uma ruptura. Seguimos nossos dias “polianos”, pouco questionando nossas vidas e, se o fizemos, é no mais absoluto segredo, às vezes às escondidas de nós mesmas, e os outros jamais saberão.

Em outras vezes, pintamos várias páginas do livro de nossa vida, esquivando-nos das imposições geradas pela sociedade, abusando da liberdade, aniquilando nossas autocertezas (MAFFESOLI, 2001a, p. 94), aprendendo a ética da estética⁷, partilhando emoções e prazeres comuns (MAFFESOLI, 2001a, p. 125). Com a ética, aprendemos a conviver com as diferenças e o estranhamento⁸, realizando um trabalho de interrogação sobre nós mesmas, de nossos valores diante da vida e das pessoas.

Descobrimos uma relação hedonista com a vida e com as pessoas. Tornamo-nos errantes⁹ e nômades¹⁰, seduzimo-nos pela fugacidade dos momentos, pela

⁷ Compartilho do conceito maffesoliano de estética, ou seja, “vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se daqui e em casa neste mundo” (MAFFESOLI, 2005d, p. 8).

⁸ Cf. anotações da palestra do professor doutor Márcio Marigueta, proferida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no dia 6/5/07.

⁹ “Com as do errante que reencontramos em diversos períodos históricos e em diversas civilizações, e que traduzem bem a necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros, o desejo do outro lugar, e em definitivo a busca de uma fusão comunitária” (MAFFESOLI, 2001a, p. 65).

impermanência das coisas, das pessoas e dos relacionamentos, pela sucessão de instantes, pelo peregrino encontro e desencontro consigo e com o outro, pela intensidade da comunhão com as pessoas, pela alegria em celebrar a vida, rompendo com o paradigma da estabilidade das relações e da constância das pessoas. Satisfazemo-nos com as aventuras do desconhecido, com os encontros clandestinos, com as brechas dos desvios cotidianos, com o desejo de transgredir as fronteiras da lógica racionalista dos relacionamentos entre as pessoas (MAFFESOLI, 2001a, p. 29; 65). A transgressão compreendida como criação positiva e potencializadora da ação humana. Transgredir por meio de fugas, desvios, corrosões, liberdades intersticiais e anódinas, as imposições do lado iluminado da sociedade. As astúcias cotidianas preservam nosso “querer-viver”, possibilitando-nos viver nossas diferentes identificações¹¹.

Cada um de nós possui diferentes *personas*. Somos como Hermes e seus pés alados! Os pés assentados nas responsabilidades e as asas para fugir destas, quando o “querer-viver” irrompe, recusando-se à rotina diária (MAFFESOLI, 2001a, p. 96). A vida oscila entre a clausura e a abertura (MAFFESOLI, 2001a, p. 99); vivemos nossas identidades múltiplas e às vezes contraditórias (MAFFESOLI, 2001a, p. 118).

O que nos incomoda e nos assusta é assumir ou compreender que somos e vivemos escapando do trilho linear da viagem que é viver. Por muitas vezes, não admitimos ser duplos, errantes, diferentes. Em decorrência disso, comportamo-nos conforme a expectativa da sociedade; se nos atrevemos, é longe dos olhares dela.

Fomos social e culturalmente educados para seguir um modelo de homem e de mulher e, se por acaso não nos encaixamos neste modelo, sentimo-nos excluídos pela sociedade. Somos excluídos por nós mesmos e pelas pessoas que sofrem do medo do novo e do estranho.

Considerações, mas não finais

Pesquisar sexualidade é um desafio tanto profissional, como pessoal. De um lado, investigamos teorias que venham ao encontro dos nossos desejos e das nossas noções, que possam contribuir na busca das respostas às nossas inquietações; por outro lado, lidamos

¹⁰ “O nomadismo é a expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a reificação social ou o conformismo intelectual jamais chega a ocultar totalmente” (MAFFESOLI, 2001a, p. 41).

¹¹ Essa discussão foi inspirada na leitura de Maffesoli (2005a) e Sousa Filho (2009).

com nossos mais íntimos segredos, nossos preconceitos, nossos mitos, nossos medos, nossas angústias e, quiçá, com o prazer e desprazer que constituem a nossa sexualidade. Enfim, pesquisar sexualidade me conduz a rever cotidianamente meu imaginário de sexualidade, imaginário esse construído nas relações estabelecidas com as outras pessoas, com o meio social e, expresso nas minhas ações, nos meus posicionamentos e, inclusive, nos meus silêncios.

As experiências da nossa sexualidade revestem-se ora do “querer-viver”, ora do “dever-ser” da sociedade, da família e da religião. Ainda que a religião e a família interfiram na forma como vivemos nossa sexualidade, inculcando-nos a noção de “pecado”, essa interferência não ocorre sem resistências, pois ao longo de nossas vidas construímos continuamente errâncias, fugas, desvios. Com frequência, não conseguimos romper definitivamente com esses valores que estão fortemente arraigados em nosso imaginário; mas conseguimos desviar de diversas injunções sociais que não estão em sintonia com o nosso “querer-viver”.

A vida das pessoas se reduz, exclusivamente, ao instituído, ao “dever-ser”? Mesmo sem perceber ou compreender, somos duplos, somos errantes. Também possuímos nosso “querer-viver”, essa pulsão que nos lança na realização de nossos desejos e impulsos, que nos conduz a nossos esconderijos, na busca do prazer de viver instantes presentes.

Compreender a sexualidade é perambular por caminhos ambivalentes. De um lado, as imposições sociais — a família, a igreja, a escola, o trabalho... —; de outro, a nossa subjetividade — como percebemos, como sentimos, como simbolizamos, como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas. Ambas não se excluem; ao contrário, entrecruzam-se num movimento infinito. A sexualidade, ao tentarmos defini-la, não se deixa engessar, escorrega entre as nossas certezas e nossas dúvidas, feito água em meio aos dedos. Não se limita às explicações científicas, mas se mistura às águas das sensibilidades, dos sentimentos, do afetivo, das imagens.

A sexualidade é inerente a nossa vida e é atravessada por diversas teias de significados e campos do conhecimento. Envolve-se com nosso corpo, em nossos desejos e prazeres; ao mesmo tempo, com a significação, o simbólico, as imagens, os mitos, os tabus, os preconceitos, as crenças e os comportamentos. Movimenta-se entre o social e o cultural, e, nesse movimento, cada pessoa cria e recria formas subjetivas de vivenciar a sexualidade.

Nas vivências de nossas sexualidades, bem como na problematização dela como fenômeno de pesquisa, por muitas vezes, nosso imaginário cristalizado nos traí. Não é

fácil tarefa romper com valores sociais arraigados em nosso modo de viver a sexualidade e construir formas mais leves, mais livres, mais errantes. Essa busca incessante nos faz acreditar no movimento da vida, nas infinitas possibilidades de criarmos e diferentes imaginários de sexualidade, os quais são expressos em todos os lugares e em todos os momentos.

Referências

BARROS, Eduardo Portanova. Imagem e imaginário: as contribuições de Michel Maffesoli. Um anarquista romântico. In: ALVES, Fábio Lopes; SCHROEDER, Tania Maria Rechia; BARROS, Ana Tais Martins Portanova (orgs). **Diálogos com o imaginário**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

_____. Maffesoli e a “investigação do sentido” – das identidades às identificações. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 44, n. 3, p.181-185, set/dez. 2008. Quadrimestral. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5282>. Acesso em: 10 dez. 2016.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p. 73-82.

_____. O imaginário da violência e a escola. In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; PORTO, Maria do Rosário Silveira (Orgs.). **O imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói: Intertexto, 2004, p. 59-71.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, nº 15, p. 74-82, ago. 2001b.

_____. **A conquista do presente**. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 2001c.

- _____. **A sombra de Dioniso**: contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução de Rogério de Almeida. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2005a.
- _____. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005b.
- _____. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005c.
- _____. **O mistério da conjunção**: ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005d.
- _____. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____; ICLE, Gilberto. Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/20637/12917>>. Acesso em: 8 dez. 2016.
- MERENGUÉ, Devanir. **Poderes, papéis**: um estudo preliminar sobre gêneros na contemporaneidade. Monografia (Especialização em Supervisão e Didática Psicodramáticas) — Universidade Católica de Goiás, Instituto de Psicodrama e Psicodrama de Grupo de Campinas. Campinas, 2009.
- NÓBREGA, Juliana Fernandes da et al. A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli: implicações para a pesquisa em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 17, n. 2, p.373-376, 29 jun. 2012. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v17i2.24572>.
- RECHIA, Tânia Maria. **O imaginário da violência em Minha Vida em Cor-de-Rosa**. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- SOUSA FILHO, Alípio de. **Ideologia e transgressão**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/~alipiosousa>. Acesso em: 30 ago. 2009.